

O REI DO BAIÃO: Estudo linguístico das letras de Luiz Gonzaga

Andreia Ferreira Rodrigues*

RESUMO

Estudo que verifica a construção enunciativa e imagética discursiva do Nordeste na voz e nas letras de Luiz Gonzaga, músico conhecido como “Rei Do Baião”, considerado um notável representante do sertanejo, sobretudo por retratar nas canções que interpreta a realidade sociocultural do Nordeste brasileiro. Alicerçado na teoria das análises do discurso e da linguística, discute as implicações das variações linguísticas a partir de uma perspectiva discursiva. Apresenta análise do contexto de duas das canções mais representativas da cultura nordestina por meio de uma pesquisa investigativa, com base bibliográfica de autores renomados no tema. Conclui que a Língua Portuguesa é heterogênea e plurivalente e, ainda, reflete o âmbito histórico, geográfico e sociocultural do falante.

Palavras-chave: Nordeste. Linguística. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

Luiz Gonzaga foi um dos primeiros artistas da época do rádio e se consagrou na história da música brasileira. Através da canção ele expressou insatisfação, alegria, tristeza, práticas e as relações humanas no meio rural e urbano. As canções de Gonzaga simbolizavam a manifestação direta da cultura oral do homem sertanejo, o roçado, o cavalo, a sanfona, as memórias. As letras se entrelaçam nas divisões rítmicas agregando valor à melodia, constituindo o canto de celebração e de protesto, de festejo e de trabalho. Gonzaga foi um artista que adaptou o ritmo folclórico aos padrões urbanos da época em que viveu e através de um caráter dinâmico, acrescentou um novo significado ao folclore e a tradição.

A iniciativa de analisar as letras do Rei do Baião é motivada pela observação e admiração por sua obra musical que retrata de maneira fiel a as mazelas, a identidade e a cultura do povo do Nordeste. A discursividade nas canções prioriza a oralidade do nordestino, uma linguagem construída na informalidade, visando à representação da realidade nordestina, e pretende mostrar o valor da língua materna do brasileiro, composta de regionalismos, falares diferentes que devem ser respeitados e valorizados.

*Acadêmica do Curso de Letras da Faculdade Pitágoras Maranhão.

Contudo, uma questão a ser abordada neste artigo é: como identificar, através das letras de Gonzaga, a identidade cultural de um povo e mostrar que a língua é um elemento social e dinâmico?

Este trabalho, dentro dos seus objetivos e investigações, focalizará de maneira especial no campo linguístico, uma vez que o falar nordestino foi um dos destaques nas canções de Luiz Gonzaga. A exploração das músicas na esfera semântica e linguística apresenta algumas particularidades na linguagem utilizada como variantes, regionalismos, pronúncia e discursividade.

2 O QUE É LINGUÍSTICA?

A Linguística é uma ciência complexa e empírica que estuda a língua como fenômeno natural. Compreende e explica a linguagem humana e as diversas formas do ser humano de se comunicar, seja através da fala, escrita ou de gestos, procura descrever e explicar a língua exatamente como ela se apresenta. Assim a metodologia de análise linguística focaliza, não só a escrita, mas principalmente a fala das comunidades. Portanto, a função de um linguista é estudar toda e qualquer manifestação da língua como um fato merecedor de descrição e explicação dentro de um ambiente científico adequado.

Cada sociedade apresenta variações e para compreendermos tais variações é necessário conhecermos a cultura desse povo. No Brasil, não existe uma identidade cultural única e uniforme, existem tradições culturais, formas de pensar, se comportar e se comunicar predominante em cada região, tornando-se uma cultura pluralista.

2.1 Variabilidades linguísticas

As variações sociais da língua caracterizam-se pelo aspecto sistemático que definem as várias formas e diferentes tipos de usos linguísticos que se apresentam na linguagem escrita ou falada. É importante ressaltar que as variações também são processos de expressão comunicativa, isto é, uma pessoa pode falar uma mesma coisa em contextos com diferentes com pessoas diferentes. Mas o que são variações linguísticas?

A variabilidade linguística é uma realidade da linguagem humana e a importância da discussão em torno deste tema se expande também para a reflexão sobre o preconceito linguístico. De acordo com Bezerra:

Este tipo de preconceito provém daqueles que tornam também a língua um objeto de exclusão social e/ou querem impor um limite de linguagem, transformando-a em um elemento rígido, inflexível, características que não combinam com sua essência, muito menos com uma sociedade plural como a brasileira. [...]. Apesar dos avanços na área da linguística, o preconceito referente à linguagem ainda está arraigado na sociedade, privilegiando um único modo de falar denominado culto e inferiorizando outras manifestações da linguagem classificando-as como errada. (BEZERRA, 2013).

A história do Nordeste brasileiro, marcada por secas, analfabetismo, explorações, êxodos, desemprego e outros fatores, repercutiram em sua formação cultural e linguística. No entanto, é importante observar que existe uma linha de pensamento que busca uma conscientização de que a língua, como um produto social e cultural, representa a identidade de cada povo, as marcas de uma história, o jeito próprio de criar e viver.

As variações linguísticas se concretizam na evolução da sociedade, pois a língua está frequentemente sofrendo mudanças, como um organismo vivo. Estudos relacionados às variabilidades analisam o uso real da linguagem em diversas comunidades falantes, constatando que a língua como fenômeno social é caracterizada pela heterogeneidade, uma vez que em cada comunidade ocorre o uso de variadas formas linguísticas.

Todas as línguas variam, não existe nenhuma sociedade em que todos falem da mesma maneira, desta forma, pode-se afirmar que a língua portuguesa não se apresenta de maneira homogênea. Ela além de variar nos níveis fonético, fonológico, morfológico, sintático e lexical, também recebe a influência de fatores como região, faixa etária, classe social, escolaridade, entre outros. Esses aspectos contribuem para o surgimento de variações ou falares com identidade própria e características peculiares.

A variação linguística é observada em realizações orais sujeitas a sofrer interferências de elementos sociais. Essa variação pode ser encontrada em letras de canções, em especial nas compostas por Luiz Gonzaga, que trazem marcas da oralidade através de linguagem regional, reflexões sociais, influências da cultura e tradições do Sertão.

A língua materna não se prende aos dicionários e às gramáticas, ela é adquirida conforme são construídos os enunciados que são ouvidos e reproduzidos durante a comunicação verbal, isto é, o repertório vocabular é formado juntamente com as pessoas que convivem e interagem diariamente entre si, seja na família, escola, ambiente de trabalho.

2.2 Variabilidades regionais e sociais

É possível identificar mudanças nas variações fonético-fonológica e morfossintática. A primeira está relacionada à pronúncia de determinados fonemas da língua e é explicada pelo fator da miscigenação da população brasileira (“craro” por “claro”, “muié” por “mulher”). A segunda ocorre na constituição do vocábulo e das estruturas sintáticas, que podem estar em conformidade ou não com as normas gramaticais, esse processo recebe a influência do nível social e de escolaridade do falante (“nós fumo” por “nós fomos”, “os menino” por “os meninos”).

Essas variações distinguem a linguagem rural da linguagem urbana, com seus diversos dialetos sociais, ao passo que os indivíduos das grandes metrópoles se modernizam, e conseqüentemente, vão criando novos dialetos, enquanto os indivíduos de origem rural tendem a conservar seus hábitos linguísticos originais. Esses fenômenos estão ligados ao advento da mobilidade social, ou seja, os repertórios da língua se constroem de acordo com o conhecimento de mundo de cada indivíduo.

3 A LÍNGUA E O FALAR

Os conceitos de língua e fala são muitas vezes confundidos como semelhantes, mas são definições distintas e possuem características próprias. Segundo Saussure (1969), a língua é algo social, exterior ao indivíduo e produto essencial da linguagem, um sistema estruturado de elementos que se define pela relação combinada entre os elementos que o compõe.

O falar trata-se de particularidades linguísticas que caracterizam um determinado grupo de falantes, considerando a região ou classe social em que ele está inserido. Existem dois tipos de falar: o falar urbano, característico dos estratos sociais e o falar rural que é característico de áreas determinadas.

3.1 O falar nordestino

A língua considerada não padrão é a língua da grande maioria das camadas populares menos privilegiadas e de pouca ascensão social, ou seja, grande parte de iletrados que não tiveram contato com a educação escolar e por isso são submetidas ao preconceito e a condenação linguística. Vale lembrar que a forma da língua coloquial não é uma maneira errada de se falar, mas sim uma variedade linguística diferente, assim como todas as outras que são ensinadas nas gramáticas e faladas pelas classes de prestígio social.

O “falar sertanejo” constitui uma das variantes linguísticas vigentes no interior do país, considerada desprestigiada e fora da norma padrão. Apesar da discriminação e preconceito linguístico por parte da classe letrada, o modo de falar tipicamente nordestino é predominante no sertão.

4 ANÁLISE DO DISCURSO

A análise discursiva é uma disciplina que está incorporada nos estudos linguísticos e procura observar as condições de produção expositiva que orbitam em determinados trabalhos discursivos, podendo ser aplicada a variados textos, uma vez que o discurso se constrói através de recursos textuais que se incorporam, tais como: os gêneros de discurso, a materialidade linguística, a posição social do sujeito, o contexto que caracteriza as condições de produção responsáveis pelos múltiplos efeitos de sentido que um discurso promove.

A Análise do Discurso, abreviadamente AD, define o seu campo de atuação analisando textos impressos. A AD era definida como “o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado”, corroborando-se sobre as metodologias da linguística.

Sinteticamente, o discurso pode ser concebido como uma prática social. Existem regras de construções das formações discursivas que dependem do momento histórico, do poder de quem fala e de que lugar se fala, da distinção entre enunciação e enunciado e do controle ao poder de quem constrói o discurso.

A palavra é o signo ideológico, um produto da interação social, é multifacetada. Evidencia a divisão de classes ao caracterizar o signo como uma “arena de classes”, recuperando as dimensões histórica, social e cultural da linguagem. Ou seja, a linguagem não é apenas uma estrutura para as relações de comunicação, mas também um espaço fundamental para a relação das técnicas sócio-históricas. Daí a necessidade de associação com as condições de produção dos discursos para a análise dos mesmos.

4.1 Discursividade na canção “Gonzagueana”

Observar o caráter híbrido e mestiço da música de Luiz Gonzaga é abranger o processo histórico-cultural da formação dessa música, os movimentos de junção, conflitos e misturas das linguagens, e não somente os elementos que a constituíram. É refletir sobre a dinâmica, a relação e as estratégias que estiveram implícitas às características estéticas e simbólicas dos discursos construídos.

É a partir da análise dessas relações que se pode afirmar que a música de Gonzaga, revelou-se discursivamente enquanto linguagem estética, usando como argumento as táticas de sobrevivência de milhares de migrantes.

Luiz Gonzaga foi um exímio representante da canção sertaneja, principalmente por simbolizar a realidade social e cultural nordestina para as demais regiões do país. O sanfoneiro que se tornou conhecido como o “Rei do baião” ocupou espaço na música popular brasileira com suas canções, principalmente por representar o cotidiano do sertanejo, seja trabalhando com a temática da seca, do descaso social, dificuldades, econômicas, ou popularizando o Nordeste, exaltando suas características culturais.

Em suas letras, sua nordestinidade retrata um povo resignado, sofrido, mas também destaca a resistência e a força do nordestino, resistindo às intercorrências da época da seca, o que resultou na construção imagética de um povo valente, com uma forte produção cultural e destacável presença para a construção da nacionalidade do próprio povo brasileiro, em meios às suas diversidades regionais.

5 ANÁLISE DO CORPUS

Conforme apresentado, o presente trabalho busca analisar, dentro do repertório musical de Luiz Gonzaga, duas de suas canções que remetem à realidade dosertão nordestino. A seleção das músicas ocorreu de maneira a abordar as características do falar sertanejo, e também debater temas nos quais o olhar do artista consegue contemplar um cenário nordestino.

A canção “Asa Branca” é um baião popular nordestino, composta por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira e lançada em 1947. A música foi reinterpretada por vários outros artistas e é considerada uma das canções mais marcantes do Século XX. A letra relata a vida árdua do sertanejo, que açoitado pela seca, muda de região em busca de melhoria de vida, mas aguarda a chuva para retornar para sua terra natal e para os braços do seu amor.

CANÇÃO 1:
ASA BRANCA
Quando “oiei” a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação (bis)
Que braseiro, que “fornaia”
Nem um pé de “prantação”
Por “farta” d’água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão (bis)
Inté mesmo a asa branca

Bateu asas do sertão
Então eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração (bis)
Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Para eu voltar pro meu sertão (bis)
Quando o verde dos teus “óio”
Se espaiar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu, meu coração (LUIZ GONZAGA - HUMBERTO TEIXEIRA, 1947).

Analisando a canção dentro de um contexto linguístico, nota-se a presença dos seguintes aspectos:

- Precedência da consoante **r** da vogal seguinte, como na palavra **perguntei** (perguntei, linha 3);
- Transformação de consoante em vogal ou semivogal, um processo denominado vocalização, contido em **fornaia** (fornalha, linha 5); **óio** (olhos, linha 17^a); **espaia** (espalhar, linha 18^a);
- Rotacismo, substituição da letra **l** por **r**, presente em **prantação** (plantação, linha 6 e 18^a), **vortarei** (voltarei, linha 20) e **farta** (falta, linha 7);
- Variações da palavra então (**intoce**), até (**inté**).

Sob o ponto de vista discursivo, na tradicional *Asa Branca* é possível perceber toda a simplicidade do nordestino de condições humildes por conta da sua realidade social precária, e que por isso é estigmatizado. Rimas simples como **São João/judiação**, **sertão / coração** adquirem um sentido carregado de afetividade proveniente do contexto histórico de que surgem.

Prestigiada como um dos maiores clássicos da música popular brasileira, *Asa Branca* traduz todo o percurso de vida do povo nordestino, que mesmo lutando contra a miséria e a seca, não perde a esperança de encontrar tempos melhores. Narra história de adultos e crianças que, tal qual o pássaro “asa branca”, quando não mais dispõe de sustento no seu local de origem, imigram para o sul em busca de um novo sentido de vida.

CANÇÃO 2:
VOZES DA SECA
Seu doutô os nordestino têm muita gratidão
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
Mas doutô uma esmola a um homem qui é são
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão
É por isso que pidimo proteção a vosmicê

Home purnóisescuído para as rédias do pudê
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê
Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage
Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage
Lhe pagamo inté os juro sem gastar nossa corage
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!
Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão
Como vê nosso distino mercê tem nas vossa mãos (LUIZ GONZAGA - ZÉ DANTAS, 1981).

A seca, tema frequente nas letras de Gonzaga, é abordada a partir de um contexto político e social na música *Vozes da Seca* e não somente como fator climático.

De maneira suave, mas com tom crítico, o artista faz um desabafo às autoridades contra o descaso político diante da série de problemas causados pela seca nordestina, solicitando programas e frentes de trabalho, deixando subentendido que o povo não precisa de esmola, mas sim de dignidade para sobreviver.

No aspecto linguístico, a letra apresenta algumas peculiaridades do falar nordestino:

- O *doutô* citado na música não se refere a alguém que cursou doutorado, mas àquele que ocupa um cargo importante na hierarquia social. Essa forma de tratamento é comum na região especialmente relacionada à classe política. Importante ressaltar que a canção é dirigida às autoridades políticas;
- Desnasalização, presente nas palavras: *home* (homem); *barrage* (barragem); *açudage* (açudagem); *estiage* (estiagem); *corage* (coragem);
- Simplificação da concordância plural: *os nordestino*; *dos sulista*; *dos vinte estado*; *os juro*;
- A substituição do **r** pelas vogais **o** e **e** com som fechado (*doutô-doutor*); (*cumê-comer*); (*pudê-poder*); (*chuvê-chover*). A intenção aqui era aproximar a linguagem da sua música de seu público;
- Ausência de concordância verbal: *enchá os rio de barrage*; *nunca mais nós pensa em seca*;
- *Arcaísmo*: *vois mecê* (você); *mercê*, antigo tratamento de cerimônia.

6 CONCLUSÃO

Os estudos sobre linguística e suas variabilidades representam uma evolução e democratização da Língua Portuguesa, favorecendo a conscientização de que a língua não é homogênea, mas simplurivalente e variável em muitos aspectos.

O presente estudo reforçou a ideia de que não há apenas a forma padrão de linguagem, existem diversos falares e diversas maneiras de usar linguagem, conforme a região. A diversidade linguística deve ser respeitada, pois reflete a cultura, a geografia, a condição social e econômica de cada povo.

Através da análise, constata-se a identidade cultural do nordeste nas canções de Luiz Gonzaga. As letras cantadas pelo sanfoneiro são ricas em recursos linguísticos e discursivos e levam à representatividade do povo nordestino, em um espaço cenográfico interpretativo de formulações da brasilidade.

A língua é um elemento social e dinâmico. Tal observação foi possível, uma vez que o compositor Luiz Gonzaga utilizava uma linguagem e termos típicos do meio no qual estava inserido que era a linguagem popular, arcaica, falada pela maioria da população brasileira, e principalmente pela classe conhecida desprivilegiada, isto é, de usuários do meio rural, que não foram devidamente alfabetizados.

THE KING OF THE BAION: Study of the letters of Luiz Gonzaga

ABSTRACT

A study that verifies the enunciative and imagistic discursive construction of the Northeast in Luiz Gonzaga's voice and lyrics, a musician known as "Rei do Baião", considered a notable representative of the country music, especially for portraying in the songs that interpret the sociocultural reality of the Brazilian Northeast. Based on the theory of discourse analysis and linguistics, it discusses the implications of linguistic variations from a discursive perspective. It presents an analysis of the context of two of the most representative songs of Northeastern culture through research, based on a bibliographical database of renowned authors. It concludes that the Portuguese Language is heterogeneous and polyvalent and also reflects the historical, geographical and sociocultural scope of the speaker.

Keywords: Northeast. Linguistics. Culture.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, José Rivamar; ARAÚJO, Joseildo Lopes. **Análise de letras de Luiz Gonzaga na perspectiva variacionista**. Revista Brasileira de Educação e Saúde, v. 4, n. 3, p. 8-19, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 163-189, 2007.
- BEZERRA, Sandra Maria de Farias. **A variação linguística retratada nas canções de Luiz Gonzaga**. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, nov. 2013.
- CAMPUS, V.; SANTOS, ELIETE. **Variações linguísticas**. João Pessoa, 2010.
- COELHO, Glaucimere Paterno; TRENTIN, Raquel Camargo. **Nordeste pra Frente: Retratos do Povo na voz de Luiz Gonzaga**. Revista Philologus, Ano 20, Nº 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2014.
- JÚNIOR, Joaquim Mattoso Câmara. **Estrutura da língua portuguesa**. 1970.
- LETRAS DE MÚSICAS. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/>> Acesso em: 8 maio de 2015.
- LUIZ GONZAGA – Site Oficial. **Vida e obra de Luiz Gonzaga**. Disponível em: <<http://www.luizgonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 3 maio de 2015.
- MARTINS, Danilo Aguiar; PEIXOTO, Ana Cristina Santos. **A constituição do discurso nordestino na canção “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga**, 2007.
- MEDINA, Carlos Alberto de. **Música popular e comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- PAES, Jurema Mascarenhas. **Luiz Gonzaga: Tradutor da discursividade de Nordeste**. Revista do Centro de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem. ISSN 2317-3971, n. 2, 2014.
- SANTOS, Sebastião Lourenço dos. **Variações linguísticas: O confronto das equivalências e choque dos contrários**. Revista Eletrônica Eletras. Disponível em: [http://www. utp. br/eletras/ea/eletras](http://www.utp.br/eletras/ea/eletras). Acesso em, v. 1, 2008.
- SIQUEIRA, Ana. **O “sertão” fica em Nashville**. Disponível em www.ufmg.br/boletim. 2008.
- SOBREIRA, Maria Francisca Moreira; SÁ, Marcelo da Silva. **O falar sertanejo presente na música nordestina**. Revista Philologus, Ano 20, Nº 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2014.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: um tema em debate**. Editora 34, 1997.

VIOTTI, Evani De Carvalho. **Introdução aos estudos linguísticos**. Universidade Federal De Santa Catarina. Florianópolis, 2008.